

# Impotência, sim; Inatividade, não!

## Do que adiantou, se a PEC passou?

**Deise Luiza da Silva Ferraz**

Impotência *s.f.*: 1 falta de poder, força ou meios para realizar algo;  
impossibilidade (HOUAISS, 2001, p. 1583).

Inatividade *s.f.*: 1 qualidade ou caráter de inativo; 2 impossibilidade de  
agir; 3 falta de atividade; inércia (HOUAISS, 2001, p. 1591).

Impotência *s.f.*: 1 debilidade; 2 inatividade (HOUAISS, 2003, p. 368).

As duas primeiras passagens acima são do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2001); a última, do Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos (2003). É contraditório como me sinto ao ler essas explicações e a relação entre a impotência e a inatividade. Porque me sinto totalmente impotente, porém não inativa, ainda que, algumas vezes, impossibilitada de agir.

Ao escrever essas palavras, três cenas poluem minha mente e um sentimento de tensão invade cada parte do meu corpo.

CENA 1: Rio Grande do Sul, há alguns anos. No Dia de Luta da Mulher (08/03) o MST-RS fez uma ação direta: denunciou, por meio da ocupação de uma fazenda, a venda de terras da fronteira sul do país a empresas estrangeiras, colocando em risco a proteção nacional e atentando contra a Constituição Federal. A ocupação da fazenda em que era plantado eucalipto não durou nem oito horas, mas nosso confinamento durou mais de 48. Porém, ficar presa em um ônibus (de 54 lugares) com cerca de 200 mulheres e crianças por seis horas sem água e sem comida; ser levada para um ginásio durante a madrugada e adormecer na arquibancada de cimento enrolada na própria camiseta porque não havia colchões e cobertores para todas, e as mães e crianças tinham prioridade, despertar sentindo o vazio de mais de 24 horas no estômago e a incerteza do que viria não foram os piores momentos dessa manifestação em que acompanhei enquanto fazia meu trabalho de campo para o doutorado. O que faz meu coração acelerar, e um gosto ácido na boca surgir, é recordar da cavalaria. A cavalaria da Polícia Militar encurralou as manifestantes. Cavalos e tiros para todos os lados. Em minutos, todas as mais de 1000 mulheres já estavam no chão. Ajoelhadas e de cabeça baixa! Essa foi a primeira ordem. Ainda tremo quando lembro da pata do cavalo passando rente à minha cabeça, a espada do policial tocar minhas costas, e minha amiga segurar minha

mão para que eu não levantasse e não reagisse a tamanha violência. Uma reação que em nada resultaria para a coletividade.

CENA 2: Brasília, 2016. No meio do alvoroço, o grito: Cavalaria! Estagnei. Estava impossibilitada de agir. Cerrei os punhos com tanta força que marcas das minhas ficaram na palma das minhas mãos. A vontade era de voltar para frente da Esplanada, onde bombas de efeito moral eram lançadas a todo momento contra dezenas de milhares de pessoas que, minutos antes, caminhavam, cantavam e dançavam como forma de manifestação contra a PEC55. A vontade de derrubar um cavalo após o outro invadia meu corpo. A cavalaria avançava. No meio daquela fumaça que cega, outra mão me puxa, me coloca em movimento. A impotência eleva o gosto ácido na boca frente à potência que tem a Polícia por ser o braço legítimo da violência do Estado.

CENA 3: Belo Horizonte, portaria da UFMG, 2016. Entoa-se, no compasso da batida dos cacetes sobre os escudos, a canção: "Sempre vencemos! Sempre vencemos! Sempre vencemos!". Centenas de tiros de balas de borrachas, centenas de bomba de efeito moral e muita guerra psicológica contra pessoas armadas apenas com coragem e panos no rosto que se protegiam em um lugar onde a Polícia Militar não pode entrar – mas entrou, atentando contra a autonomia universitária. Sem poder abrir os olhos por causa das bombas de gás lacrimogêneo e ouvindo o grito de vitória da PM, paralisei, fiquei inoperante, inativa. E



outra mão me lança uma camiseta embebida em vinagre. Abrir os olhos para aquela cena dantesca reavivou o sentimento de impotência.

Podia escrever páginas e mais páginas descrevendo o horror da violência que recai sobre as manifestações que se opõem aos interesses do capital. Mas não há palavras que traduzam o sentimento vivido e revivido a cada nova manifestação. E o resultado? Acumulo o sentimento de impotência: não barramos a PEC, não barramos a reforma do ensino médio, não barramos os cortes de investimentos na educação e na saúde, não barramos a conhecida “lei antiterrorismo”, que só operacionaliza a criminalização dos que lutam, não barramos os despejos indiscriminados de populações inteiras para a especulação imobiliária; não punimos ninguém pela morte de pessoas, animais, insetos, rios, vegetação... que a L(s)ama(rco) causou; não avançamos com a reforma agrária; não avançamos com a urgente e necessária auditoria da dívida pública... Podia escrever páginas e mais páginas falando sobre os retrocessos para a classe trabalhadora, os que tivemos e os que estão por vir – reforma da previdência, reforma tributária, reforma trabalhista, reforma política – mas só de citá-los, o sentimento de impotência me move; me ativa, me coloca em ação, ou como diria Raul: “Eu tenho uma porção de coisas grandes pra conquistar, e eu não posso ficar aí parado”.

Da contradição entre a impotência e a atividade resta, de forma instantânea, a indignação com aqueles e aquelas que não se sentem impotentes porque se contentam em ir ao zoológico “dar comida aos macacos”. Alheios às perdas das grandes conquistas que a classe trabalhadora teve no Século XX, esperam “a morte chegar” sem praticar o mínimo de humanidade que é possível sob o sistema de capital: a empatia. E nem é uma empatia com outro distante, mas entre os que sofrem a opressão e a exploração. De forma distinta? Sim! Mas que atingem a todos e a todas da classe trabalhadora.

Ser submetida à violência do Estado para garantir que multimilionários sigam enriquecendo me ensinou a compreender as lutas de todos os que sofrem como lutas minhas – até porque, de fato, elas também o são. Eis a primeira lição que a luta me ensina: ainda que a opressão e a exploração não sejam diretamente da minha pessoa – não atinjam a um interesse particular meu ou de minha categoria – se elas atingem aqueles e aquelas que são também impotentes, elas me atingem. Em outras palavras: Não! Não! Eu não preciso ser negra para lutar contra o racismo; Não! Não! Eu não preciso circular pela cidade de ônibus para ser contra o aumento das passagens; Não! Não! Eu não preciso ser homossexual para lutar pelos direitos e pelo respeito a todos e todas independente de seu gênero; Não! Não! Ser professora universitária não me impossibilita – pelo contrário, me

responsabiliza – de lutar pelos direitos dos secundaristas, de lutar pelos estudantes universitários, de lutar pelos sem-terra, sem-teto, sem direitos...

Porém, a segunda lição que a luta me traz, que tem se desdobrado em sentimento de impotência é: não é lutar por eles e por elas, mas lutar com eles e com elas. É lutar por nós! É lutar para reconhecer a luta dos que já foram! É lutar pelos que virão!

A luta não é individual, a luta é coletiva. É na coletividade que a impotência pode ser superada – guardem isso, voltarei a esse ponto, antes quero frisar um terceiro ensinamento que a luta e a violência me trouxeram nessas últimas décadas: não há coletividade sem um projeto coletivo que ultrapasse interesses particulares. E o Século XXI e sua irracionalidade tem obstaculizado os projetos coletivos.

Os projetos coletivos não são aqueles que são construídos por pautas específicas, embora essas sejam muitas vezes o estopim para o fim da inércia. Barrar a PEC55 foi o que mobilizou as ocupações nas universidades e as greves docentes, mas garantir as verbas para a Educação não pode ser o único elemento que agrega estudantes e servidores contra os ataques do Capital. Isso é corporativismo, muitas vezes legitimado pelo discurso do “respeito à voz do outro”; pelo respeito

“ao lugar de fala” etc. Ambas as atitudes são necessárias, mas não podem tornar inoperante a construção de um projeto coletivo de sociedade que, para existir, necessita de algo muito pouco falado e experienciado ultimamente: a empatia. Tem nos faltado a “capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende” (HOUAISS, 2001, p. 1125). Perder essa capacidade é coroar o mundo do *self*. E o *self*, desculpem-me pela dureza da constatação, é impotente.

As ocupações e a greve docente na UFMG foram exemplos práticos desse conflito entre o *self* e o projeto coletivo. A prática da luta no interior da Universidade me ensinou muito sobre as resistências que há em construir a coletividade quando existe a hegemonia do “eu quero”, “eu penso”, “eu sinto”; ainda que esse “eu” seja de um grupo. Aprendi muito sobre o fetiche da democracia. Se formos à raiz da questão dos cortes de verbas propostos pela PEC, veremos que as pessoas impactadas nos próximos 20 anos não são apenas as pessoas que compõem a comunidade universitária de hoje, mas nossos filhos e filhas e, acreditem, nossos netos e netas. Mas, se temos dificuldade de empatia com os que já existem, imagina com os que virão. Nessa dificuldade de compreender para além da imediatividade do *self*, resistir aos ataques do capital se tornou um debate entre 50% +1. Porém, não se trata de 50% +1 de todos os *selfs* que sofrem e sofrerão os impactos daquela medida, conscientes de tais impactos; mas entre aqueles e

aquelas que, impotentes projetavam a atividade, ainda que não certos de sua eficácia, e daqueles e daquelas impotentes que não sabiam como se tornarem ativos, deixando prevalecer a inatividade que potencializa a impotência. Então, a construção de um projeto coletivo é obstaculizada pelo coroamento do self manifesto em um voto. E o irônico de tudo isso é que, enquanto na construção da luta coletiva daqueles e daquelas que são atacados, usando palavras como “o grupo X não me representa” “o grupo y não me representa”, “o 50% +1” seguimos mantendo, no aparato do Estado repressor, um grupo que não representa a nenhum de nós – e não me refiro à cadeira presidencial, porque um presidente praticamente não faz nada sem um congresso. Aprendi, assim, que sem a construção da coletividade – de um projeto de sociedade – em que a empatia se faça presente de forma ativa, a impotência não pode ser superada. Urge contrabalancear o discurso do “você não me representa” pela compreensão de que “o que te escraviza também me escraviza”, ainda que o peso de nossas correntes seja distinto.

A empatia se constrói na prática, na relação com o outro e com a outra. E, sob tiros, bombas, prisões e “democracias” – psicológicas e físicas – o Estado e o Capital tentam impossibilitar essa construção, reafirmando nossa impotência. Nos mantermos ativos e ativas é o que necessitamos para não acabarmos “no trono de um apartamento, com a boca escancarada cheia de dentes, esperando a morte



chegar”. Ops, se a Reforma da Previdência passar, nem nos será possível esperar a morte sentados e sentadas. Trabalhar literalmente até a morte será nossa sina – diria Vital Farias ao beija-flor. Por isso, não pode haver cavalos que nos impedirão de seguir ativos na produção de uma sociedade em que o trabalho seja a efetivação da humanidade e não sua desumanização, ainda que, sob um sentimento contingencial de impotência.

Por fim, sem finalizar, não é possível terminar esse desabafo sem reconhecer a dureza das palavras, mas não é nada fácil seguir os conselhos de Che... *“Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás!”*

## REFERÊNCIAS

FARIAS, V. “Ai, que saudade d'ocê”. Por Vital farias. Sagas brasileiras. PolyGram, 1982.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 784 p.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1986 p.



SEIXAS, R. "Ouro de tolo". Por Raul Seixas. Krig-há, Bandolo! Philips Records, 1973.

# Impotência, sim; Inatividade, não! Do que adiantou, se a PEC passou?

## Resumo

Depoimento convidado, elaborado a partir das experiências da autora com diversos movimentos sociais, as quais avalia como fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa.

## Palavras-chave

Movimentos sociais. Luta. Democracia.

# Impotence, yes; Inactivity, no! Was it worth it, if PEC has passed?

## Abstract

Invited testimony, drawn from the author's experiences with several social movements, which she evaluates as fundamental for the construction of a more just society.

## Keywords

Social movements. Fight. Democracy.

# Impotencia, sí; Inactividad, no!

## ¿Qué adianto, se la PEC ha pasado?

### Resumen

Depoimento invitado, elaborado a partir de las experiencias de la autora con diversos movimientos sociales, lo que ella juga como fundamentales para la construcción de una sociedad más justa.

### Plabras clave

Movimientos sociales. Lucha. Democracia.

## Autoria

### Deise Luiza da Silva Ferraz

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail:

[deiseluiza@face.ufmg.br](mailto:deiseluiza@face.ufmg.br).

### Endereço para correspondência

Deise Luiza da Silva Ferraz. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (+55 31) 34097241.

### Como citar esta contribuição

FERRAZ, D. L. S. Impotência, sim; Inatividade, não! Do que adiantou, se a PEC passou?

Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n.

8, p. 1367-1380, dez. 2016.

*Contribuição Submetida em 6 fev. 2017. Aprovada em 7 fev. 2017. Publicada online em 3 mar. 2017. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 3 | N. 8 | DEZEMBRO | 2016 | ISSN: 2358-6311